

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

RAFAELA CITADIN

MEMÓRIAS AFETIVAS NA ARTE E NA EDUCAÇÃO: RELATOS E
EXPERIÊNCIAS

CRICIÚMA-SC

2019

RAFAELA CITADIN

**MEMÓRIAS AFETIVAS NA ARTE E NA EDUCAÇÃO: RELATOS E
EXPERIÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau
de Licenciada no curso de Artes
Visuais da Universidade do Extremo
Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof^a. Ma. Angelica
Neumaier

CRICIÚMA-SC

2019

RAFAELA CITADIN

**MEMÓRIAS AFETIVAS NA ARTE E NA EDUCAÇÃO: RELATOS E
EXPERIÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado pela Banca Examinadora
para obtenção do Grau de
Licenciada, no Curso de Artes
Visuais da Universidade do Extremo
Sul Catarinense, UNESC, com Linha
de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 26 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Angelica Neumaier - Mestre em Educação - (UNESC) -
Orientadora

Prof.^a Aurélio Regina de Souza Honorato - Doutora em Ciências
da Linguagem - (UNISUL)

Prof.^a Édina Regina Baumer - Mestre em Educação - (UNESC)

Dedico este trabalho à minha
família, da qual sempre terei
muitas memórias afetivas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida e por guiar meus passos, dando-me forças para superar as dificuldades e realizar esta conquista.

A minha família - Meus pais Francisco e Maria das Graças, e minha irmã Deise - Que não pouparam esforços para me ajudar e sempre me deram muito incentivo, amor e carinho.

Ao meu namorado Elvis, por todas as palavras de conforto e encorajamento, pelas orações e por estar do meu lado em todos os momentos.

Meus agradecimentos aos professores do curso de Artes Visuais Licenciatura, pelos seus ensinamentos de grande importância para minha formação - Em especial, a professora Angelica Neumaier, por me orientar nesta pesquisa com muita sabedoria, pelos seus conselhos, pela confiança e dedicação.

A todos aqueles que fizeram parte de minha caminhada, sou imensamente grata.

"Lembrança (*s.f.*) é uma cicatriz na parede da nossa mente. É um quadro pendurado na casa do nosso coração. É ingrediente para suspiros. É uma rádio que só toca memórias. É um trem que constantemente me leva para passear no passado. [...] É um cheiro que eu nunca esqueci. [...] É o fogo que costuma atear saudade em mim".

João Doederlein

RESUMO

O presente trabalho está inserido na linha de pesquisa "Educação e Arte" do Curso de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC, e é sustentado pela a/r/tografia, uma metodologia que possibilita investigações que relacionam as experiências suscitadas nos processos de ser pesquisador, professor e artista, concomitantemente. Este estudo apresenta como problemática: A memória afetiva potencializa a atribuição de significados às produções artísticas dos alunos do Ensino Médio da EJA? Como objetivo, proponho investigar se na EJA de Treviso-SC a memória é trazida para a elaboração/realização das proposições didáticas de Artes; bem como analisar se os alunos da Educação de Jovens e Adultos criam um maior vínculo com seus trabalhos artísticos ao baseá-los em suas memórias afetivas; e também compreender como uma professora-artista que busca inspiração na memória pode contribuir para um melhor aprendizado e relacionamento com os alunos no ensino de arte na EJA. Para isso, realizei uma pesquisa de campo, na qual coletei relatos dos alunos do Ensino Médio da EJA da cidade de Treviso-SC, analisei suas produções artísticas e apliquei um questionário com a professora de Artes da turma. No decorrer do texto, trago reflexões sobre a abordagem da memória na arte e na educação, dialogando com variados autores, principalmente: Araújo e Oliveira (2015); Bosi (2001); Canton (2009); Carvalho (2014); Instituto Arte na Escola (2006); Mourão Júnior e Faria (2015); Meis (2018); Otto (2012); e Souza (2014). Com os resultados obtidos percebe-se que buscar as memórias afetivas com os alunos na Educação de Jovens e Adultos pode trazer mais potência para suas criações artísticas.

Palavras-chave: Memória. Memória Afetiva. Ensino de arte. Arte. Professora-artista.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Da série "Cartas de Areia" (1993), de José Rufino	21
Imagem 2 - Projeto "Caixa de Memórias".....	24
Imagem 3 - Máquina de escrever.....	27
Imagem 4 - Como se encontra Foguete nos dias atuais.....	28
Imagem 5 - Poema que acompanha a produção "COLEÇÃO DE INFÂNCIA: gizos do ensino fundamental".....	29
Imagem 6 - Coreópsis.....	30
Imagens 7 e 8 - Registros fotográficos do aniversário de 7 anos (2005).....	30
Imagens 9, 10 e 11 - Páginas do livro de artista "Recapitulando" (2018).....	32
Imagem 12 - Colagem da Aluna 2.....	38
Imagem 13 - Colagem do Aluno 7.....	38
Imagem 14 - Colagem da Aluna 10.....	39
Imagem 15 - Colagem da Aluna 5.....	40

PRODUÇÕES ARTÍSTICAS QUE INICIAM OS TEXTOS

1 - Um dos desenhos que compõe a série <i>Linha do tempo</i> , Rafaela Citadin, 2017 / Fotografia utilizada como referência.....	11
2 - <i>Localizar: Arquivos de memória</i> , Rafaela Citadin, 2019...	15
3 - Alguns trabalhos da série <i>Consolidação</i> , Rafaela Citadin, 2019.....	18
4 - <i>COLEÇÃO DE INFÂNCIA: gizos do ensino fundamental</i> , Rafaela Citadin, 2018.....	26
5 - <i>Sem título</i> , Rafaela Citadin, 2019.....	34
6 - Um dos trabalhos que compõe a série <i>Consolidação</i> , Rafaela Citadin, 2019 junto dos gizos utilizados na pintura.....	44
7 - <i>Recapitulando</i> , Rafaela Citadin, 2018.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

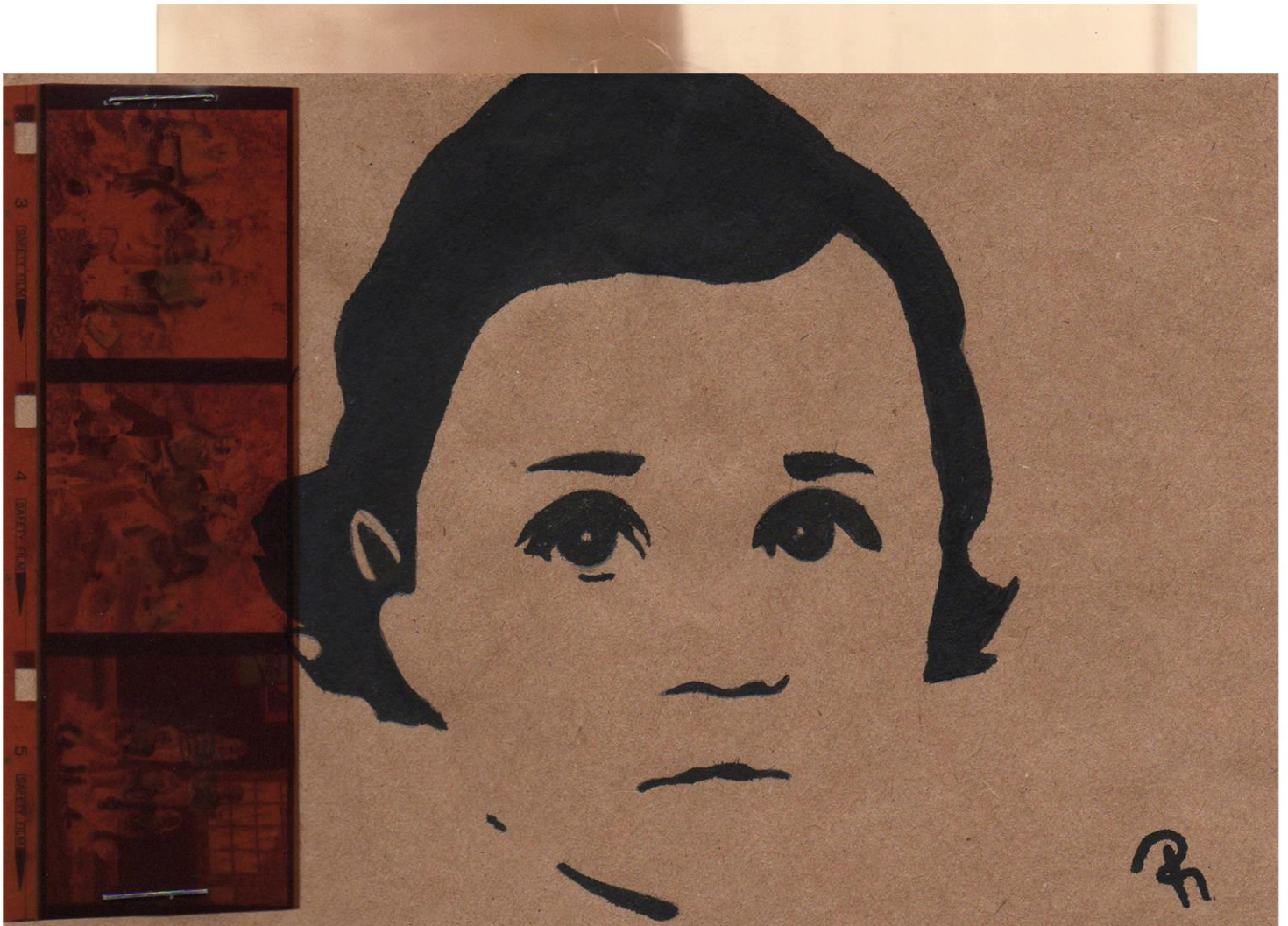
EJA	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RS	RIO GRANDE DO SUL
SC	SANTA CATARINA
UNESC	UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

SUMÁRIO

1 PRIMEIRO PASSO	11
1.2 METODOLOGIA	15
2 MEMÓRIA E ARTE(S)	18
2.1 MEMÓRIA NA ARTE	20
2.2 MEMÓRIA NA EDUCAÇÃO	22
2.2.1 Memória na EJA	24
3 GUARDAR E REELABORAR	26
4 REGISTROS DE MEMÓRIAS: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA	34
5 OUTRA PROPOSIÇÃO	44
6 RECAPITULANDO	49
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE(S)	55
APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE PESQUISA DE CAMPO: QUESTIONÁRIO PARA A PROFESSORA DE ARTES DA EJA	56
ANEXO(S)	57
ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA	58

PRIMEIRO PASSO

O início de tudo, e o suporte para o desenvolvimento.



Um dos desenhos que compõem a série *Linha do tempo*,
Rafaela Citadin, 2017

Fotografia utilizada como referência

Cá estava eu, realizando ações cotidianas, quando de repente minha avó paterna se aproxima, com muito entusiasmo, para mostrar-me algo inusitado. Revelou, então, um relógio em suas mãos, e o estendeu em minha direção, fazendo a seguinte pergunta:

– Consegue notar algo diferente nesse relógio?

Eu fiquei perplexa ao observar que o mesmo estava andando para trás, ou seja, no sentido anti-horário. Sem demora, me empenhei para descobrir como aquilo era possível. Por que uma máquina faria justamente o oposto de sua finalidade? Após algum tempo analisando, constatei que havia um tipo de obstáculo que impedia o ponteiro de trabalhar da maneira correta (no sentido horário), portanto, ele executava o movimento inverso, para que não danificasse o mecanismo do aparelho.

A partir desse acontecimento, comecei a refletir. Talvez eu seja como esse relógio, às vezes preciso olhar para trás - Para o passado. E, quem sabe, assim aprender com o tempo, para enfim conseguir avançar. Já faz alguns anos que desenvolvo um apreço pelas memórias; foi quando encontrei objetos antigos na garagem de casa que me encantei pelo assunto. Ao ver aqueles objetos que eu dava importância na infância, imediatamente lembrava de várias experiências e uma imensa nostalgia pairava no ar. Me deparei também com itens que pertenciam à minha família, e fiquei fascinada pelas histórias que os parentes me contavam sobre suas relações com os mesmos.

Em meio aos meus percursos de formação, o desejo de explorar a memória se intensificou. Fui me descobrindo como artista, utilizando tudo o que encontrava que estava ligado às minhas memórias afetivas. Paralelamente, estive fazendo projetos de estágio e atuando como professora; o que fomentou a vontade de desenvolver também esse tema nas aulas de Artes.

E é essa trajetória como professora-artista que pretendo explicar, analisar e compartilhar com você.

No primeiro semestre de 2019, realizei um projeto no Estágio III¹ sobre memórias afetivas com uma turma da Educação de Jovens e Adultos. Essa escolha pela EJA se deu tendo em vista a faixa etária diversificada que há nessa modalidade, o que proporciona um espaço oportuno para abordar as vivências e lembranças dos alunos. E partindo dessa experiência defino como problema de pesquisa: **A memória afetiva potencializa a atribuição de significados às produções artísticas dos alunos do Ensino Médio da EJA?**

Dentro de uma sala de aula há diversos sujeitos com histórias de vida diferentes (o que é ainda mais acentuado na Educação de Jovens e Adultos), e por vezes o professor não conhece esses aspectos de seus alunos, ocasionando um afastamento - Uma barreira no relacionamento do grupo e também no processo de ensino-aprendizagem; pois as aulas que focam somente no conteúdo sem considerar a bagagem cultural e a realidade dos estudantes tornam-se desinteressantes e desestimulantes. Ao dialogar sobre memórias, pode-se ampliar o conhecimento sobre si próprio e sobre os outros, porque relembremos e compartilhamos situações que nos marcaram de alguma forma, o que faz parte da construção da identidade de cada um. Portanto, esse tema pode ser uma ferramenta para favorecer a relação professor-aluno, e assim possibilitar um aprendizado mais cativante e com qualidade, no qual o conhecimento é formado a partir de trocas constantes.

Às vezes observo nas aulas de Artes a existência do fazer por fazer ou fazer por obrigação, onde as proposições didáticas não possuem ligação com os interesses ou o cotidiano dos estudantes e por conseguinte os seus trabalhos são vazios

¹ Disciplina curricular obrigatória, com atividades supervisionadas no Ensino Médio. Naquele semestre foi ministrada pela professora Katiuscia Angélica Micaela de Oliveira.

de significado. Pensando nisso, sou envolta por alguns questionamentos: Ao abordar a memória em suas criações artísticas os alunos têm uma maior ligação com o que produziram? A presença da memória como um tema a ser trabalhado é recorrente nas aulas de Artes?

Este trabalho de conclusão de curso é composto por 6 capítulos, sendo este o primeiro. No capítulo 2, chamado "MEMÓRIA E ARTE(S)", falo sobre o que é a memória e como ela é trabalhada na arte e na educação. Em "GUARDAR E REELABORAR", o capítulo 3, explano sobre algumas de minhas criações e como minhas memórias estão presentes nelas. Em "REGISTROS DE MEMÓRIAS: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA", o capítulo 4, comento sobre a pesquisa de campo. O capítulo 5, "OUTRA PROPOSIÇÃO", é destinado ao projeto de curso, e, por fim, no capítulo 6, intitulado "RECAPITULANDO", são apresentadas as conclusões deste estudo. No decorrer do texto, estabeleço conexões com vários autores, principalmente: Araújo e Oliveira (2015); Bosi (2001); Canton (2009); Carvalho (2014); Mourão Júnior e Faria (2015); Meis (2018); Otto (2012); e Souza (2014). Além disso, também trago considerações de um livro do Instituto Arte na Escola (2006) e da Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos - Arte (BRASIL, 2002).

METODOLOGIA

Meu pai sempre disse que o computador é mais que uma diversão, sua principal função é pesquisar.



Localizar: Arquivos de memória, Rafaela Citadin, 2019

A presente pesquisa, intitulada "MEMÓRIAS AFETIVAS NA ARTE E NA EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIAS E RELATOS", se insere na linha "Educação e Arte", do curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESC, e possui uma abordagem qualitativa e a/r/tográfica. Para o desenvolvimento desta, estabeleci como questão problema: **A memória afetiva potencializa a atribuição de significados às produções artísticas dos alunos do Ensino Médio da EJA?**

Certamente existem várias definições para o que é pesquisa, mas foram as palavras de Meis (2018, p. 13) em especial que me tocaram e decidi trazer aqui como conceito:

Pesquisar para fora, e pesquisar para dentro de nós são ações delicadas e podemos dizer que até complexas. A pesquisa provoca, desacomoda, balança e sacode. [...] Afinal uma pesquisa que não mexe com o pesquisador, se torna mais uma em meio a tantas outras [...].

Ao longo desse trabalho, irei tratar sobre o tema memórias afetivas, contando um pouco da minha história e do meu percurso como professora-artista, bem como os aspectos observados em uma pesquisa de campo. Será, assim como Meis (2018) nos fala, um pesquisar para dentro e para fora.

Segundo Minayo (2009, p. 61),

O trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os "atores" que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social.

Tendo isso em vista, coletei relatos dos alunos do Ensino Médio da EJA da cidade de Treviso-SC, e analisei suas produções artísticas, bem como apliquei um questionário com a professora de Artes da turma (Apêndice A); visando alcançar os objetivos estabelecidos: como objetivo geral - Compreender a memória afetiva como potencializadora na busca de significados às produções artísticas dos alunos do Ensino Médio da EJA; e como objetivos específicos: Investigar se na EJA de Treviso-SC

a memória é trazida para a elaboração/realização das proposições didáticas de Artes; Analisar se os alunos da Educação de Jovens e Adultos criam um maior vínculo com seus trabalhos artísticos ao baseá-los em suas memórias afetivas; Compreender como uma professora-artista que busca inspiração na memória pode contribuir para um melhor aprendizado e relacionamento com os alunos no ensino de arte na EJA.

Quanto ao procedimento metodológico, escolhi a a/r/tografia:

No caso da a/r/tografia, [...] a arte e a escrita não se separam, ao contrário, se complementam, se aderem e se misturam uma à outra. Imagem e texto não duplicam um ao outro e, sim, ensinam algo de diferente e, ainda, similar, permitindo que nos questionemos mais profundamente a respeito de nossas práticas enquanto artistas, enquanto professores e também pesquisadores (OLIVEIRA, 2013, p. 10).

Com a a/r/tografia, é possível fazer uma inter-relação entre as práticas docentes e artísticas, propiciando um vasto campo para estudo. De acordo com Lampert (2016, p. 91), isso envolve “[...] perceber no ato criativo a concepção de planejamento e metodologia para aulas, bem como [...] ter processos criativos singulares e experimentações [...]” - Um pesquisar contínuo que propicia novas formas de se pensar o ensino-aprendizagem e a produção de arte.

No capítulo seguinte, que tem como título “MEMÓRIA E ARTE(S)”, versarei sobre o conceito de memória e como ela é explorada no meio artístico e na educação.

MEMÓRIA E ARTE(S)

Como opera a memória? Assim como essas peças de gesso, a memória nos permite guardar informações/acontecimentos efêmeros.



Alguns trabalhos da série *Consolidação*,
Rafaela Citadin, 2019

Algum dia você já procurou saber o que é memória? Geralmente, ao buscar em um dicionário, em um site ou em uma conversa, chegamos à uma definição semelhante à esta: "Grosso modo, chamamos de memória a capacidade que os seres vivos têm de adquirir, armazenar e evocar informações" (MOURÃO JÚNIOR; FARIA, 2015, p. 780). Esse conceito, entretanto, não abrange tudo o que essa palavra comporta. Memória se trata de um processo psicológico fundamental para nossa vida - Sem que nos demos conta, ela está constantemente presente no nosso dia-a-dia. Lembrar da infância; do dia anterior; de alguém; de uma música; de um aprendizado; de uma experiência; ou até mesmo de seu próprio nome - Tudo isso só é possível graças à memória. Segundo Bosi (2001, p. 46-47):

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas [...] A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante [...].

Ou seja, ao relembrar situações passadas, revisamos os ocorridos de um ponto de vista atual. Conforme Souza (2014), por meio dessas autoanálises conferimos e consolidamos significados às nossas vivências - É o que carregamos conosco após cada acontecimento. E essa releitura de nós mesmos acaba por influenciar nas nossas atitudes seguintes; o que serve de base para a construção da nossa identidade.

No geral, todos os tipos de memórias são importantes; mas, sabe aquelas lembranças que de vez em quando surgem, e inevitavelmente nos fazem rir ou chorar? Ou então, que nos fazem enxergar os caminhos (felizes e/ou árduos) pelos quais passamos? São mais que simples memorizações ou informações decoradas; são *memórias afetivas* - Aquelas que nos marcam, nos atravessam, que mexem com nosso sensível.

Em 1960, uma psicóloga americana chamada Magda B. Arnold descreveu em seu livro "Emotion and personality" que as

Memórias Afetivas são os arquivos da história da vida emotiva de cada pessoa, não gravando apenas fatos, mas as emoções contidas a ele (ARAUJO; COSTA, 2019, p. 5).

Foi notando o quanto elas, as memórias afetivas, são importantes para mim que decidi abordá-las em produções de arte e na sala de aula, e assim me perceber como uma professora-artista. De acordo com Juliana Cristina Pereira (2016, p. 121):

Ser um professor-artista, um propositor que busca, por meio de processos de criação, possibilidades para pensar o professor hoje, é produzir uma multiplicidade de conexões [...] entendendo a docência como potência para a criação de outros modos poéticos de ser docente.

Nos subcapítulos abaixo falarei sobre como a memória é trabalhada na arte e na educação, entremeando com relatos sobre meu percurso investigativo.

2.1 MEMÓRIA NA ARTE

Mesmo gostando de produzir, vendo vídeos sobre nostalgia e tendo estima pelos objetos antigos, demorei um pouco para reparar que isso poderia fazer parte dos meus trabalhos artísticos. Em 2017, na disciplina de Pintura e Pesquisa², foi quando comecei a me descobrir como artista. Isso porque o professor nos deu a liberdade para fazer uma pesquisa em pintura na qual nós mesmos deveríamos achar nosso direcionamento. Foi refletindo sobre o que iria fazer, que notei o potencial que a memória tem. Na mesma época, fui apresentada ao livro "Tempo e Memória" de Katia Canton (2009), e após a leitura, pude me identificar e compreender melhor como esse tema é trazido na arte. Por meio dele conheci José

² Que foi ministrada pelo professor Alan Figueiredo Cichela no segundo semestre daquele ano.

Rufino³ - Considero suas produções artísticas muito inspiradoras, bem como sua decisão de adotar o nome do avô paterno. Confesso que tenho predileção pela série "Cartas de Areia", em que José Rufino realiza interferências em envelopes de cartas remetidas ao seu avô, e mais adiante nas cartas em si, com desenhos e gravuras.



Imagem 1 - Da série "Cartas de Areia" (1993), de José Rufino
Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural (2019).

De acordo com Canton (2009, p. 57):

O interesse dos artistas contemporâneos em trabalhar a memória consiste em um ato de resistência à tendência a um estado de quase amnésia decorrente da rapidez da vida cotidiana atual.

Isto é, as experiências que passam a ser mais e mais instantâneas, e o excesso de informações diárias (intensificadas pelo avanço da tecnologia), vêm ocasionando essa *semiamnésia* - Uma escassez de lembranças que provoca "[...] inúmeras perdas como a ausência do reconhecimento e do pertencimento [...]" (MEIS, 2018, p. 23). Portanto, os

³ José Augusto Costa de Almeida (João Pessoa, Paraíba, 1965). Artista visual que trabalha a memória.

trabalhos artísticos sobre memória vão na contramão de tal fugacidade, criando um lugar de resiliência (CANTON, 2009).

Enfim, me encontrei, e dei início a um processo contínuo de estudo e criação sobre memórias afetivas. Tudo parece permear minha pesquisa, inclusive as músicas que resgatei de CD's⁴ e voltei a ouvir, e a casa em que moro e sempre morei. Minha vida se mistura com a arte, essa que "[...] é um conhecimento sensível, que coordena ações e emoções; é um modo de pensar, [...] propor novas formas de ver o mundo e apresentá-lo com registros diferenciados" (PIMENTEL, 2015, p.97). Quanto mais me aprofundo nesse campo, mais me encanto.

2.2 MEMÓRIA NA EDUCAÇÃO

Enquanto produzia, minha vontade de tratar sobre memória na escola crescia cada vez mais. E quais efeitos isso proporcionaria? - Eu me perguntava...

Quando o docente desconhece ou tem uma visão distorcida das realidades dos alunos e concentra-se apenas na transmissão de conteúdo, as suas aulas não têm nexos com a vida dos estudantes, e conseqüentemente, tornam-se desmotivadoras, sem sentido para eles. Já está mais do que na hora de abandonar a educação bancária, da qual nos fala Freire (1999, p. 57 apud CARVALHO, 2014, p.11), em que:

[...] o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação.

Em vista disso, compreendi a riqueza de abordar a memória na sala de aula, pois, como ela tem relação direta com

4 *Compact Disc*: Disco óptico digital de armazenamento de dados.

a identidade e com a história de vida de cada um, possibilita que o aluno conheça mais sobre si próprio e sobre os colegas, e também que o professor identifique esses aspectos, melhorando a interação entre eles e tornando a aula mais relevante, na medida em que se fazem ligações entre a matéria e o cotidiano.

De acordo com Otto (2012), na disciplina de História o estudo da memória pode auxiliar o aluno a compreender melhor a cronologia e a desenvolver a consciência histórica, se afastando da ideia tradicional de memorização de datas e nomes. A autora também apresenta algumas sugestões de como o professor pode trabalhar essa temática: Realização de entrevistas com a sociedade; observação de monumentos; idas à museus; etc. Porém, nessa área a memória serve de objeto de investigação, e é necessário todo um processo de análise para converter história vivida em história ciência:

A memória ancora-se em lugares, apega-se a lembranças, é história vivida, não podendo ser compreendida como história, resultante de um fazer. Esse fazer precisa ancorar-se em teorias, quais sejam: histórica, sociológica, filosófica, psicanalítica, etc. (OTTO, 2012, p.42).

Já nas aulas de Artes a memória pode ser trazida de outra forma, deixando fluir toda a carga emocional e sensível que tem. Isso porque o ensino de arte envolve um universo de possibilidades, impulsiona a capacidade de expressão, a comunicação, variados questionamentos e interpretações de mundo e sociedade; “[...] cria linhas que traçam percursos, pontos que formam conexões, trajetórias, às vezes cruzadas, às vezes paralelas que promovem encontros” (HONORATO, 2015, p. 24). O projeto “Caixa de memórias”⁵, por exemplo, foi desenvolvido com estudantes da 4ª série da cidade de Caxias do

⁵Um dos projetos premiados na terceira edição do “Arte na Escola Cidadã”.
Autoria de Diana Bearzi e Rosane Gayeski.

Sul-RS, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Evaristo de Antoni, e nele:

[...] os alunos foram convidados a lembrar fatos marcantes de suas vidas e, depois [...] desafiados a construir, com material disponível [...] um objeto, ideia, sentimento ou pessoa que gostariam de guardar, mostrando como seria o local para abrigá-lo. [...] A integração entre arte e vida não só possibilitou o aprendizado de novos conhecimentos; mas também aproximou o aluno de sua realidade, e [...] fortaleceu a relação entre professor e aluno [...] comunidade e escola [...] (INSTITUTO ARTE NA ESCOLA, 2006, p. 57-58).



Imagem 2 - Projeto "Caixa de Memórias"
Fonte: Instituto Arte na Escola (2006)

2.2.1 Memória na EJA

Sabe-se que na Educação de Jovens e Adultos há uma maior diversidade, já que as turmas são compostas por pessoas com faixas etárias diferentes, o que reforça a importância de se conhecer o perfil dos alunos da EJA, "[...] pois são sujeitos que apresentam diferentes níveis de aprendizagem, os quais precisam ser observados pelo professor" (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2015, p. 682). Alguns alunos, por estarem retornando à escola, sentem-se inseguros, desvalorizados e com baixa autoestima, entretanto, quando há o estímulo do professor - Que o respeita e reconhece saberes cotidianos como plausíveis - E a sua realidade se faz presente nas proposições didáticas, aos poucos isso é minimizado (CARVALHO, 2014).

Em sua dissertação de mestrado em Letras, Carvalho (2014) sugere que o docente da EJA proponha aos estudantes a elaboração de relatos autobiográficos. Através dessas

narrativas ricas em memórias, eles podem compartilhar vivências, anseios, incertezas e descobrimentos, o que irá refletir no seu desempenho e no relacionamento com o professor.

Segundo a Proposta Curricular de Arte para a Educação de Jovens e Adultos:

A heterogeneidade sociocultural dos alunos [...] deve ser a mola propulsora dos trabalhos de Arte nas escolas de EJA. [...] O trabalho essencial do professor é entender a experiência dos alunos, com seus aspectos afetivos, [...] costumes e valores, e atuar a partir dessa sua compreensão (BRASIL, 2002, p. 178-179).

Tendo isso em vista, e entendendo que o ensino da Arte proporciona “[...] aos jovens e adultos novas experiências, tornando-os indivíduos preparados para perceberem melhor o meio social em que vivem [...] e interagir com ele [...]” (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2015, p. 686), percebi que, além de trabalhar a memória em minhas criações, seria interessante levar propostas com esse tema para as aulas de Artes na EJA - Isso suscitou minha experiência no Estágio III (que terá um aprofundamento maior no capítulo 5, onde explanarei sobre a pesquisa de campo) e me instigou a realizar o presente trabalho.

No próximo capítulo, intitulado “GUARDAR E REELABORAR”, contarei a você um pouco sobre minhas produções artísticas e como minhas memórias estão presente nelas.

GUARDAR E REELABORAR

Um hábito que vem desde a infância.



COLEÇÃO DE INFÂNCIA: gizes do ensino fundamental,
Rafaela Citadin, 2018

Acredito que fui criando o hábito de guardar itens devido à convivência com minha família, especialmente meu pai. Mesmo que alguns objetos sejam vistos como quinquilharias pelos outros, ele fazia e faz questão de conservar. Um exemplo é uma máquina de escrever que tive a oportunidade de conhecer e manusear desde pequena, algo que não seria possível se ele não tivesse a mantido consigo. Cadernos, filmes fotográficos, relógios, fitas, e outras coisas mais também fazem parte de seu antiquário pessoal.



Imagem 3 - Máquina de escrever
Fonte: Acervo pessoal.

Além disso, meus pais sempre me incentivaram a ter um olhar sensível e criativo para perceber que tudo o que nos rodeia pode ser relevante e pode ser transformado. Desde retalhos de tecido que viram roupinhas de boneca, até sobras de madeira que se tornam um carrinho de brinquedo (o qual nomeei de Foguete). Todas essas experimentações me fizeram compreender que existem inúmeras possibilidades para a criação.



Imagem 4 - Como se encontra Foguete nos dias atuais
Fonte: Acervo pessoal.

Sem que eu notasse, lá estava eu recolhendo coisas. Lembro-me de que, enquanto esperava o ônibus para ir para a escola, ficava catando pedrinhas do chão (britas brancas) e as colocando dentro da mochila. E engana-se quem pensa que era qualquer pedra; tinha que ser uma que, para mim, se destacava entre as demais - Seja pelo brilho, pelo formato, ou qualquer outro aspecto. Lembro-me também de quando minha mãe descobriu isso e me fez jogá-las fora - Não por maldade, mas porque elas faziam um peso extra. Ainda assim, fiz um acordo para manter ao menos as que eu gostava mais. Não podemos armazenar tudo, *devemos lembrar que também é importante esquecer* - selecionar o que é mais relevante para guardar.

Recordo ainda que na escola eu e minhas amigas pegávamos os gizos que os professores deixavam no quadro ao final de cada aula. Imaginem a nossa felicidade quando restava algum giz colorido ou um inteiro! E com isso tínhamos material para brincar em casa. No meu pensamento os gizos iam ser desperdiçados se deixados lá, mas posteriormente descobri que faziam falta para a escola, e que surrupiar eles era algo errado (*desculpa*), porém, pelo menos me proporcionaram vários momentos de diversão. Nunca me desfiz dos gizos (exceto os que eu utilizei por inteiro), e a partir deles elaborei a produção que abre esse capítulo - "COLEÇÃO DE INFÂNCIA: gizos do ensino

fundamental”; que vem acompanhada de um poema datilografado de minha autoria:

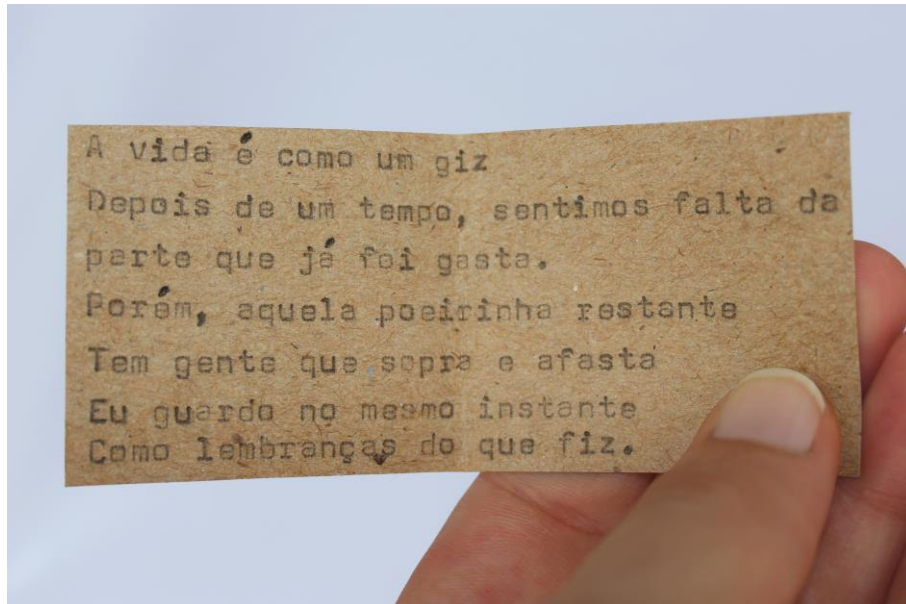


Imagem 5 - Poema que acompanha a produção "COLEÇÃO DE INFÂNCIA: gizos do ensino fundamental"
Fonte: Acervo pessoal.

Por que guardamos esse tipo de objeto? Segundo Bosi (2001, p. 144) "Se a mobilidade e a contingência acompanham nosso viver e nossas interações, há algo que desejamos que permaneça imóvel [...] o conjunto dos objetos que nos rodeiam". E, de acordo com Martins (2017, p. 59),

Talvez porque precisemos de lugares para ancorar nossas lembranças, tão pessoais e repletas de significações. O artista que se apropria destes lugares coleta-os, classifica-os e os reordena reorganizando o discurso e reelaborando os objetos para promover um novo discurso.

Mas sempre existiram coisas efêmeras, que por mais que eu quisesse, não poderia guardar por muito tempo, como as flores por exemplo. Mesmo assim, quase todos os dias eu presenteava minha mãe com uma, pois adorava ver seu sorriso ao recebê-la. Dentre tantas opções de flores, geralmente eu escolhia as *coreópsis* - simples amarelinhas que nascem espalhadas por aí; e apesar de ser algo tão trivial, minha mãe

as colocava em um pequeno vaso, enfeitando a estante até secarem...



Imagem 6 - Coreópsis
Fonte: Acervo pessoal.

Então percebe-se a importância do ato de registrar, para que essas experiências não se percam. Quando trazidos para a arte, os registros, também chamados de arquivos, "São formas [...] de colocar a memória em questão" (COSTA, 2014, p. 24).



Imagens 7 e 8 - Registros fotográficos do aniversário de 7 anos (2005)
Fonte: Acervo pessoal.

Ainda consigo recordar de detalhes do dia em que foram tiradas as fotografias acima - usava um dos meus trajes favoritos: um vestido, que por sinal já estava um pouco apertado, e nos pés calçava as *melissas* de cor verde-água com *glitter*. Atrás das fotos está escrito 2005, e pelo bolo reconheço que se trata de um aniversário. De fato, os aniversários marcam etapas de nossa existência. Eu nasci em 21 de setembro de 1998, véspera da primavera. Os anos se passaram, e em 2018 completei 20 anos, mas essa data já não parecia tão especial quanto na infância. Entretanto, acabei sendo surpreendida, com um ato simples mas muito significativo: Minha mãe me trouxe uma *coreópsis*. E aquilo me fez recuperar o brilho no olhar que havia se perdido. Eu precisava registrar o momento de alguma forma, e então, dentro de meu livro de artista chamado "Recapitulando", escrevi e illustrei um poema sobre isso:





Imagens 9, 10 e 11 - Páginas do livro de artista "Recapitulando" (2018)
Fonte: Acervo pessoal.

Ah... Quase esqueci de falar que esse papel que uso em minhas produções artísticas não é em vão, também possui ligação com minhas memórias. A bobina dele está na família já

faz algum tempo; o papel era destinado para outros fins, mas por se tratar de uma grande quantia, sempre pude utilizá-lo em cartazes para trabalhos escolares, e mais recentemente, em minhas produções. O interessante é que um lado é pardo e o outro é branco, isso dá um efeito diferente.

Eu poderia contar-lhe mais recordações, ou mostrar-lhe mais trabalhos meus, mas acredito que consegui apresentar aquilo que foi mais marcante para mim. No capítulo a seguir, chamado "REGISTROS DE MEMÓRIAS: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA", falarei sobre a pesquisa de campo que desenvolvi.

REGISTROS DE MEMÓRIAS: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

(Re)significando as páginas dos livros da escola.



Sem título, Rafaela Citadin, 2019

A pesquisa de campo tem como base minha experiência no Estágio III - Realizado no primeiro semestre de 2019, com uma turma de Ensino Médio da modalidade EJA, na Unidade Descentralizada de Treviso-SC. A seguir, apresentarei e analisarei os dados coletados, que são relatos e produções artísticas dos alunos, bem como um questionário que foi respondido pela professora de Artes da Unidade, Camila Venzon.

A primeira proposição que fiz aos alunos foi uma escrita, na qual cada um deveria contar um fato/lembrança que lhe marcou de alguma forma. Acontece que, como a disciplina de Artes se manteve por muito tempo no desenho," [...] os alunos nos dias de hoje estranham quando as aulas assumem outros códigos como a escrita, por exemplo" (ARAÚJO, OLIVEIRA, 2015, p. 690). Entretanto, os estudantes acabaram abraçando a ideia, e o resultado foi surpreendente.

Dentre os relatos, dois falam sobre milagres envolvendo a gravidez:

Há dois meses atrás fui até uma médica, um pouco enjoada, mas nem desconfiava o que estava por vir. Ela falou que eu não podia engravidar, que era impossível, mas eu sempre crendo em Deus e que um dia eu ia poder ser mãe. Eu pedi um exame de gravidez, e no início a médica não queria, mas depois resolveu dar para tirar minhas dúvidas. [...] Enfim descobri que estava grávida!! [...] Fiquei muito feliz e agradeço todos os dias por Deus ter me dado essa benção, essa surpresa maravilhosa - ALUNA 1.

Sempre gostei muito de crianças, então logo que casei queria ser mãe, mas não dava certo, eu e meu esposo fazíamos exames e nada. [...] resolvemos adotar. A partir do momento que eu pensei nisso minha amiga me disse que [...] a irmã dela estava grávida e iria me dar. Então eu busquei a moça e trouxe para morar em minha casa. A barriga dela foi crescendo e eu acariciava ela, e nisso eu comecei a ter leite. Fui ao médico e ele disse que era psicológico, mas que ao bebê nascer eu poderia amamenta-lo, e isso aconteceu. Eu amava minha princesa, muito feliz por ter ela. Mas teve muitos momentos tristes porque ela nasceu doente com um rim menor que o outro e várias outras doenças. Passei cinco anos indo de hospital em hospital com ela, até um médico me chamar e dizer que além da minha filha eu também precisaria de tratamento pois havia passado sífilis para meu bebê, mas ele não sabia que ela era na verdade adotiva. A partir disso os médicos começaram o

tratamento e graças a Deus depois de três anos ela foi curada. Como eu só tinha olhos para ela, esqueci de mim e daquela minha dificuldade para engravidar. Certo dia eu senti uma dor forte nas costas e fui ao médico, e ao fazer os exames o médico me disse que eu estava grávida. No começo chamei o médico de louco, porque eu não engravidava, mas então fiz o ultrassom e tive a surpresa de que estava grávida de quatro meses e não sabia. Hoje tenho duas filhas, uma adotiva e uma minha, mas meu coração é das duas - ALUNA 9.

No momento em que li isso fiquei impressionada. Quem diria que essas pessoas teriam tanto a me contar, e confiariam em mim dessa forma para abrir seu coração. Ao saber mais sobre suas vidas, também me senti mais próxima deles. Tantas histórias emocionantes que por vezes ficam ocultas, e passam despercebidas pelos professores da EJA, pois “[...] estão tão concentrados em transmitir conteúdos de um ano em seis meses de aula que nem se dão conta de que não interagem com os alunos adequadamente [...]” (CARVALHO, 2014, p. 10). No relato abaixo, por exemplo, é possível conhecer um pouco sobre a trajetória do Aluno 4:

[...] nasci e cresci no bairro São Simão na cidade de Criciúma. [...] Minha mãe foi para os Estados Unidos quando eu tinha 13 anos, e eu fiquei morando com minha vó por mais três anos até que consegui ir para os Estados Unidos também. Cheguei em 2002 e por lá vivi até o ano de 2008. Lá conheci novos amigos; estudei por dois anos na Sherwood High School; e conheci uma mulher com quem estou até hoje. Tive uma filha nascida lá mesmo [...] Vivo por ela, que hoje tem 10 anos, linda e inteligente. Enfim, voltei, aqui estou no Brasil novamente, pena que não voltei para o bairro da cidade que eu amava, mas adoro Treviso e não me arrependo - ALUNO 4.

Na sala havia também um casal - Eles me perguntaram se poderiam escrever sobre o mesmo acontecimento, e eu assenti:

[...] No primeiro dia de trabalho do ano de 2007, isto é, dia 02/01, eu estava escorando uma das galerias, e de repente uma pedra se desprende do teto vindo a atingir minha perna esquerda. Nesta época meu filho estava com menos de 2 anos de idade [...] Senti muito medo, pois minha lanterna havia caído e eu estava completamente no escuro e imobilizado pela pedra, sem ninguém por perto. Foram minutos de desespero, mas como creio em Jesus,

pude depositar minha fé Nele, mas minha mente não parava de pensar na minha família. Chegando ao hospital os médicos me disseram que eu poderia perder a perna, mas com a graça de Deus hoje vivo bem. Nunca me esquecerei da experiência que tive, e todos os dias agradeço a Deus por estar vivo e junto da minha família - ALUNO 6.

[...] eu e meu filho de 1 ano e três meses estávamos em casa aguardando a chegada dele, mas infelizmente aquele dia foi trágico. Por volta das cinco horas da tarde o encarregado da mina apareceu lá em casa, trazendo a notícia de que meu esposo havia sofrido um grave acidente. Uma pedra de aproximadamente noventa quilos havia atingido ele, deixando-o gravemente ferido. Foi um choque muito grande para mim, no momento me desesperei. Eu e minha família fomos ao hospital, e chegando lá meu esposo já estava passando por uma cirurgia [...] depois de onze dias no hospital, ele voltou para casa. Foi então que começamos outra jornada, a recuperação. Foi uma fase muito difícil, além do meu filho ser muito pequeno precisando de todos os cuidados, tinha meu esposo que também precisava, pois estava impossibilitado de andar. Meses de tratamento se passaram e graças a Deus tudo estava indo bem [...] Tudo isso que passei fez com que me fortalecesse mais, porque em meio às dificuldades e aos momentos de angústia nunca perdi a fé, e sempre acreditei que Deus estava me carregando em seus braços na hora que eu mais precisei - ALUNA 5.

Quando me fizeram a pergunta, eu já estava ciente de que não seriam relatos iguais, pois cada pessoa tem uma percepção diferenciada de uma mesma situação. “[...] o que nos chama a atenção são as diferenças de observações sobre o mesmo fato e essas lembranças e contraponto [...]” (BOSI, 2001, p. 413).

Na aula seguinte explanei sobre a memória; apresentei alguns de meus trabalhos artísticos; e em seguida propus a elaboração de colagens abordando memórias afetivas. Eu imaginava que os alunos se baseariam na mesma história que escreveram, mas não foi o que ocorreu. Portanto, o texto carrega um sentido e a colagem outro, e isso me fez ver mais claramente como as duas coisas possuem potenciais diferentes.



Imagem 12 - Colagem da Aluna 2
Fonte: Acervo pessoal.



Imagem 13 - Colagem do Aluno 7
Fonte: Acervo pessoal.



Imagem 14 - Colagem da Aluna 10
 Fonte: Acervo pessoal.

Observando essas produções (Imagens 12, 13 e 14), notei que o Aluno 7 e a Aluna 10 preferiram deixar as figuras com um espaço entre si (assim a maioria dos estudantes), enquanto a Aluna 2 ocupou quase toda a folha. Outro aspecto que percebi foram as legendas, presentes na maioria das colagens da turma e feitas espontaneamente pelos alunos. Penso que essa tendência de separar as figuras e de explicar o que cada uma significa foi construída a partir das experiências escolares que eles tiveram; talvez porque a colagem não foi uma linguagem muito explorada nas aulas de Artes, e sim destinada à cartazes e outros tipos de trabalhos. Ainda nas Imagens 13 e 14, é possível identificar várias memórias vinculadas à família - "A família é o primeiro grupo no qual o sujeito é inserido, por isso é onde inicia sua socialização e as

lembranças mais íntimas nascem e são alocadas” (SOUZA, 2014, p. 112).



Imagem 15 - Colagem da Aluna 5
Fonte: Acervo pessoal.

Na Imagem 15, também encontram-se memórias sobre o grupo familiar, só que nesse caso são memórias de ausência. A Aluna 5 contou que nunca conheceu suas avós, pois, quando nasceu, uma já era falecida, e a outra morreu quando a aluna possuía 1 ano de idade. Na colagem, ela traz esse sentimento de falta, o vazio - “O vazio traz a ideia de um lugar, espaço que necessariamente precisa ser ocupado” (MEIS, 2018, p. 41).

Após a realização dessas duas atividades, foi feita uma roda de conversa, para que os alunos compartilhassem com seus colegas o que foi produzido - Um diálogo que possibilitou

conhecer mais sobre o outro. Eu, além de ouvinte, participei e interliguei minhas lembranças com as deles. Alguns ficaram bastante surpresos ao ouvir a Aluna 9, pois mesmo eles, que se encontram noite após noite para estudar, desconheciam aquela história. Os estudantes também comentaram que:

- Não foi um trabalho qualquer, por causa das recordações... Parece que a gente pode reviver aquilo de novo - (ALUNO 6).

- Algumas coisas da época, do passado, eram muito boas - (ALUNA 1).

- Tem coisas que às vezes a gente não para pra lembrar... Eu achei isso bem importante. Tiveram momentos difíceis, mas hoje eu vejo que serviram de aprendizado. - (ALUNA 5).

No geral, percebi que houve um grande empenho dos alunos nas atividades. Senti que a cada memória compartilhada fomos ficando mais unidos; foi como se nos conhecêssemos há muito tempo, só que nunca nos encontrado antes. Para mim ficou evidente essa potência e significação que a memória afetiva trouxe para nossa interação, bem como para suas produções artísticas. Foi possível ver que os alunos não estavam contra a própria vontade, realizando algo por obrigação, e sim com gosto e determinação - Criando um vínculo com o que produziram. Notei também que, por tratarem sobre suas vivências, os trabalhos se tornaram *pedacinhos de si*, onde eles:

[...] revivem o passado, ressignificam o conhecimento de si mesmos, fazem comentários a respeito da própria infância e das complexidades vividas, além de assinalarem no presente a superação de alguns momentos difíceis. Além disso, os alunos da EJA fazem considerações sobre as próprias experiências que foram significativas [...] (CARVALHO, 2014, p. 72).

Através de um questionário (Apêndice A), fiz algumas perguntas para Camila Venzon, professora de Artes da turma,

para saber quais suas opiniões em relação à essa experiência e à abordagem da memória. Sobre as proposições do estágio, ela disse que:

A princípio, os alunos estavam meio relutantes com as propostas, porém ao decorrer das atividades foram interagindo mais. Acredito que eles se entregaram em suas criações mostrando nelas realmente suas recordações e memórias.

Quando perguntei se memórias pessoais é um assunto recorrente nas aulas de Artes, Camila respondeu:

Eu sempre busco tratar das memórias dos alunos, pois acredito que faz parte de sua construção enquanto Ser que faz parte de uma cultura e produz assim sua própria história. Acredito que a memória pode ser sim um tema pertinente para trabalhar nas aulas de Artes, pois o aluno consegue se enxergar enquanto criador de sua história e assim criações artísticas. Às vezes, os professores de Artes mais desatualizados ficam estagnados em trabalhar artista, obra de arte, técnicas... Penso que é algo novo, que os professores que estão se formando agora ou aqueles que sempre procuram atualizar suas propostas estão buscando essa união da vida da pessoa com a disciplina.

Com essa fala, percebe-se a importância da formação continuada, para que os docentes possam sempre renovar suas atividades e não estagnarem-se dessa maneira após concluir a graduação.

Indaguei se tratar sobre memórias pode contribuir para um melhor relacionamento com os alunos da Educação de Jovens e Adultos, e obtive a seguinte resposta: Sim, porque assim podemos conhecer esse aluno um pouco mais e ter uma visão mais ampla quando temos que avaliá-lo.

Por meio desse argumento, compreende-se que, além de auxiliar na interação entre professor-aluno, esse tema também pode fornecer mais recursos para a realização de uma avaliação qualitativa, que considera todo o processo de ensino-aprendizagem e não apenas testes/exames.

Perguntei-lhe também se, na EJA de Treviso, a abordagem da memória pessoal é trazida nos planejamentos/realizações das aulas de Artes. Camila disse que: Diretamente, pois, como geralmente se trata de alunos mais velhos, é importante para eles voltarem em suas memórias e perceber que tudo faz parte para a construção de sua história de vida.

Por conseguinte, identifiquei que a professora tem um pensamento bastante otimista quanto à memória, reconhecendo a importância de abordá-la em suas aulas na EJA e na educação em geral.

O próximo capítulo, chamado "OUTRA PROPOSIÇÃO", é destinado ao projeto de curso - um desdobramento das investigações feitas.

OUTRA PROPOSIÇÃO

Um desdobramento. Uma expansão. Uma nova ideia sobre o mesmo assunto.



Um dos trabalhos que compõe a série *Consolidação*,
Rafaela Citadin, 2019
junto dos gizes utilizados na pintura

TÍTULO: Armazenando memórias.

EMENTA: Memória. Produções artísticas: Criação e exposição.

CARGA HORÁRIA: 5 h/a.

PÚBLICO ALVO: Professores de Arte. Professores em geral.

JUSTIFICATIVA

Pensando nas contribuições que a memória pode trazer para o ensino, surge o projeto de curso "Armazenando memórias". Este foi pensado para professores de Arte e professores em geral, tendo em vista a formação continuada, que de acordo com Candau (2003, p. 64 apud BROGNI, 2017, p. 13) é "[...] um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal e profissional, em interação mútua".

Além disso, neste projeto eu me coloco como professora-artista, uma pessoa "[...] que transita entre a docência e o fazer artístico e que relaciona esses dois papéis incorporando-os e complementando-os" (MARQUES, 2018, p. 27).

OBJETIVO GERAL

Proporcionar atividades que envolvam as lembranças, estimulem a criação artística e ampliem o conhecimento sobre memória.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender como opera a memória;
- Identificar a diferença entre memorização e memória afetiva;

- Conhecer a artista Rafaela Citadin e o processo de elaboração de seus trabalhos em gesso.

METODOLOGIA

Para realizar esse curso, que se dará por meio de uma oficina seguida de exposição, será solicitado anteriormente que cada um leve algum objeto que lhe traga uma lembrança marcante. O restante será disponibilizado.

Primeiro encontro - Oficina (3 h): Para dar início a oficina, me apresentarei e estabelecerei um diálogo sobre o tema principal de minhas produções artísticas: a memória. Nisso, lhes mostrarei a minha série de trabalhos chamada "Consolidação" (Imagens nas páginas 18 e 44) que consiste em peças de gesso que contêm texturas de folhas e flores do quintal de minha casa; explicando que, além de ser uma forma de registro para lembrar de meu lar, nessa produção eu faço relação com o processo de armazenamento da memória. De acordo com Mourão Júnior e Faria (2015), esse processo se dá pela *aquisição, consolidação e evocação*, ou seja, adquirimos e guardamos uma informação, para em um momento posterior evocá-la por meio das lembranças - O que eu comparo com o gesso, que se molda a partir da informação que coloco sobre ele (sendo similar a *aquisição*), e depois de totalmente seco, isso fica gravado na peça (assim como a *consolidação*).

Então, irei propor que cada professor elabore também uma peça de gesso, para guardar a informação que desejar (podendo ser qualquer material que seja possível colocar no gesso). A mistura de água e gesso em pó será feita em copos plásticos, e depois basta por algo sobre a composição, para que em cerca de dez ou quinze minutos fique seca, com a textura gravada. Em seguida, é removido o item que foi colocado sobre o gesso, cortado o copo e retirada a peça com

cuidado, lixando se necessário. Um acabamento em pintura também pode ser feito.

Após esse momento, os participantes serão convidados a apresentar o objeto que trouxeram, e explicar sobre quais memórias permeiam-no, realizando assim a evocação.

Depois de ouvir suas falas, irei ressaltar a diferença entre a memorização (ato de decorar) e a memória afetiva. Destacarei que ambas são importantes e passam pelo processo de armazenamento, porém, essa última é mais ligada ao nosso emocional do que a primeira; concluindo que as evocações ali feitas através dos objetos apresentados são de memórias afetivas. Além disso, ressaltarei que, como a memória tem relação com as vivências, trabalhá-la na sala de aula pode oportunizar um conhecimento mais amplo sobre os alunos e proporcionar atividades mais significativas.

Ao final, será aberto um espaço para que o grupo possa comentar sobre o que foi experienciado e/ou fazer perguntas.

Segundo encontro - Montagem e abertura da exposição (2 h):

Neste dia, será proposta a montagem de uma exposição contendo os trabalhos desenvolvidos na oficina. Será acordado o local; se as produções serão dispostas em mesas, na parede ou penduradas; e se os objetos apresentados por eles também serão expostos ou não. Com a montagem finalizada, será feita a abertura da exposição.

REFERÊNCIAS

BROGNI, Isabela Barp. **A experiência como invenção na formação continuada de professores de artes visuais**. 2017. 58 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais Licenciatura) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. Disponível em:

<<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/5867/1/ISABELA%20BARP%20BROGNI.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2019

MARQUES, Ana Cláudia Pinheiro. **Vivências artísticas na formação do professor de artes**. 2018. 63 f. Trabalho de

Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais Licenciatura) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. Disponível em:

<<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/6564/1/ANA%20CL%c3%81UDIA%20PINHEIRO%20MARQUES.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2019

MOURÃO JÚNIOR, Carlos Alberto; FARIA, Nicole Costa. Memory.

Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 780-788, Dec./2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722015000400017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 set. 2019.

RECAPITULANDO

Rever. Recordar. Refletir.



Recapitulando, Rafaela Citadin, 2018

Proponho aqui uma recapitulação, em que recordaremos o que foi percorrido ao longo deste trabalho - Quando recordamos também conferimos significados às nossas vivências, portanto, isso não será uma síntese, mas sim uma revisão que contém considerações sobre esse estudo.

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo investigar se na EJA de Treviso-SC a memória é trazida para a elaboração/realização das proposições didáticas de Artes; bem como analisar se os alunos da Educação de Jovens e Adultos criam um maior vínculo com seus trabalhos artísticos ao baseá-los em suas memórias afetivas; e também compreender como uma professora-artista que busca inspiração na memória pode contribuir para um melhor aprendizado e relacionamento com os alunos no ensino de arte na EJA.

A pesquisa me fez ver que a memória, além de ser um processo psicológico fundamental que tem relação direta com a identidade, traz múltiplas possibilidades, como: resistir ao tempo acelerado que torna as experiências cada vez mais fugazes; favorecer o relacionamento entre professor-aluno; e oportunizar aulas mais conectadas às realidades dos estudantes.

Por meio do questionário percebi que, da mesma forma que eu, a professora de Artes da EJA de Treviso-SC tem uma visão otimista quanto à memória. Em suas respostas, a professora reforçou que sempre procura abordar esse assunto, pois reconhece que o mesmo contribui no processo de ensino-aprendizagem, bem como proporciona mais subsídios para se fazer uma avaliação qualitativa. Ela destacou ainda que acredita que essas relações entre a disciplina e a vida dos estudantes estão sendo buscadas atualmente; mas também há professores de Artes desatualizados, que focam apenas em técnicas/biografias/obras.

Em função disso, às vezes os docentes desconhecem vários aspectos sobre seus alunos - O que pode até ter maior

frequência na Educação de Jovens e Adultos, já que as turmas são compostas por sujeitos com faixas etárias diferentes e os conteúdos precisam ser estudados em um menor período de tempo. Porém, os dados que coletei me mostraram que ao trabalhar com as *memórias afetivas* (lembranças que são marcantes e repletas de sentimentos) nas aulas de Artes da EJA pode-se reverter essa situação. Quando soube das recordações dos alunos tive um conhecimento mais amplo sobre eles (Inclusive, estou até com saudade!), e como relatou o Aluno 6: "Não foi um trabalho qualquer" - Por tratarem sobre suas lembranças, eles desenvolveram uma ligação com o que produziram e suas criações artísticas foram mais significativas. Ainda em relação à percepção dos alunos sobre suas memórias afetivas disparadas pelas atividades, algumas falas importantes também foram manifestadas por eles, como: Por causa das recordações, pudemos reviver; Elementos do passado eram bons; Um tempo para relembrar e perceber que as dificuldades servem de aprendizado.

Confesso que a escolha pela metodologia a/r/tográfica foi ao mesmo tempo instigante e desafiadora - Em alguns momentos não foi fácil explanar sobre minhas práticas enquanto professora-artista, no entanto, fico realizada ao me enxergar em cada pedacinho deste trabalho. Creio que todas essas experiências foram de grande importância para a minha formação, e estou feliz por tê-las compartilhado com você. É, chegou a hora de me despedir - Mas saiba que enquanto dispusermos de memórias um adeus nunca é definitivo.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Bruno Vinelli Nunes de Oliveira; COSTA, Robson Xavier da. Memória Afetiva na era da Fotografia. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 21., 2019, São Luís. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2019. 9 p. Disponível em:

<<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0821-1.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2019.

ARAÚJO, Gustavo Cunha de; OLIVEIRA, Ana Arlinda de. O ensino de arte na educação de jovens e adultos: uma análise a partir da experiência em Cuiabá (MT). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 679-693, jul./set. 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/298/29841640007.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 484 p.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: Segundo Segmento - Arte**. v. 3. Brasília: MEC/SECAD. p. 135-189. 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol3_arte.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.

CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 62 p.

CARVALHO, Adenivan Mendes. **Memória e identidade do aluno da EJA em relatos autobiográficos**. 2014. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.com.br/jspui/handle/tede/2182>>. Acesso em: 10 set. 2019.

COSTA, Luiz Cláudio da. **A gravidade da imagem: arte e memória na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Faperj, 2014. 200 p.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de artes: Espaços do Possível**. 2015. 133 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão. Disponível em: <https://riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/477/110516_Aurélia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 out. 2019.

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA. **Arte, escola e cidadania: um prêmio e seus premiados**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. 110 p.

JOSÉ Rufino. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10614/jose-rufino>>. Acesso em: 20 set. 2019.

LAMPERT, Jocielle. [Entre paisagens] ou sobre 'ser' artista professor. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 11, n. 29, p. 87-100, set./dez. 2016. Disponível em: <<https://seer.utp.br/index.php/a/issue/view/v.%2011%2C%20n.%2029%20%282016%29>>. Acesso em: 8 set. 2019.

MARTINS, Jordan Ávila. **Inventário do artista: um pequeno relicário de grandes afetos**. 2017. 166 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/3918/1/Jordan%20c3%81vila%20Martins_Disserta%20a7%20a3o.pdf>. Acesso em: 17 set. 2019.

MEIS, Alice da Silva. **Vestígios de Alice**. 2018. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais Bacharelado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/6164/1/Alice%20da%20Silva%20Meis.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 108 p.

MOURÃO JÚNIOR, Carlos Alberto; FARIA, Nicole Costa. Memory. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 780-788, Dec./2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722015000400017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 set. 2019.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Contribuições da perspectiva metodológica 'investigação baseada nas artes' e da a/r/tografia para as pesquisas em educação. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 36., 2013, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: UFG, 2013. 16 p. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt24_2792_texto.pdf>. Acesso em: 1 set. 2019.

OTTO, Clarícia. **Nos rastros da memória**. 1. ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012. 115 p.

PEREIRA, Juliana Cristina. **Cartografias Afetivas: Proposições do professor-artista-cartógrafo-etc**. 2016. 286 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/172362>>.
Acesso em: 15 set. 2019.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. **OuvirOUver**, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 88-98, jan./jun. 2015. Disponível em:
<<http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32707>>. Acesso em: 03 out. 2019.

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, João Pessoa, v.16, n.1, p. 91-117, jul./ 2014. Disponível em:
<<http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/20337>>. Acesso em: 03 set. 2019.

APÊNDICE (S)

**APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE PESQUISA DE CAMPO: QUESTIONÁRIO
PARA A PROFESSORA DE ARTES DA EJA**

1. Conforme suas experiências com o ensino de arte, você considera que "memórias pessoais" é assunto recorrente nas aulas da disciplina? Os professores de Artes enxergam a memória como uma possibilidade de tema a ser trabalhado?


2. Na EJA de Treviso, a abordagem da memória pessoal é trazida nos planejamentos/realizações das aulas de Artes (direta ou indiretamente)?

3. Você pensa que tratar sobre memórias pode contribuir para um melhor relacionamento com os alunos da Educação de Jovens e Adultos?

4. Na sua visão, quais foram os efeitos gerados pela sequência didática sobre memórias afetivas realizada com a turma da EJA de Treviso? Você acredita que os alunos, ao abordarem suas recordações nos trabalhos artísticos, criaram uma ligação maior com que produziram?

ANEXO (S)

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

	<p align="center">UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC DIRETORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	---

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
 _____ (PROFISSÃO), _____ portador(a) da
 carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
 EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº
 (NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa da acadêmica Rafaela Citadin
 do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação da Prof^a. Angelica Neumaier
 para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa de campo em seu
 Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
 descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
 à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa
